

# Domínios da Imagem

## **O PANTERA NEGRA – PRIMEIRO SUPER-HERÓI NEGRO E AS RELAÇÕES DE RAÇA E IDENTIDADE**

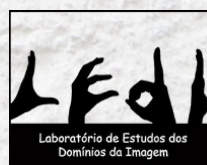
Gelson Weschenfelder

Eronildo Januário da Silva

George André Pereira de Souza

Fabio Paiva

vol. 17, n. 32. junho de 2023







## O PANTERA NEGRA – PRIMEIRO SUPER-HERÓI NEGRO E AS RELAÇÕES DE RAÇA E IDENTIDADE

### The Black Panther – first black superhero and the relations of race and identity

Gelson Weschenfelder<sup>1</sup>

Eronildo Januário da Silva<sup>2</sup>

George André Pereira de Souza<sup>3</sup>

Fabio Paiva<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a representação dos negros nas histórias em quadrinhos na perspectiva do contexto histórico de erupção de personagens negros, sobretudo super-heróis, através do personagem Pantera Negra, a partir de uma abordagem bibliográfica exploratória. Na primeira parte, o artigo apresenta o contexto do movimento pelo direito de igualdade na perspectiva do cenário estadunidense, lugar vivencial originário dos quadrinhos de super-heróis. Na segunda parte, investiga os personagens negros e suas representações na aventura e na superaventura. Por fim, o artigo indica que a representação da identidade negra através do personagem Pantera Negra, conquistou espaço nas produções artístico-culturais contemporâneas, inicialmente motivado por uma política de cotas e, posteriormente, revelou-se um personagem de representação. Os quadrinhos são, pois, palco onde questões sensíveis à comunidade são postas em

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Unilasalle – Canoas -RS; Graduado em Filosofia pela Unisinos – São Leopoldo -RS. Pós-Doutorando em Educação pela PUCRS – Porto Alegre - RS. Docente do IFRS Campus Farroupilha-RS. E-mail: [gellfilo@gmail.com](mailto:gellfilo@gmail.com) Orcid: [Gelson Weschenfelder \(0000-0002-6571-8027\)](https://orcid.org/0000-0002-6571-8027) - ORCID

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários (UFPE) Recife – PE. Pesquisador associado ao grupo de pesquisa Educação e Quadrinhos do CE/UFPE. Email: [eronvillar@gmail.com](mailto:eronvillar@gmail.com) Orcid: [Eronildo Silva \(0009-0007-6946-5008\)](https://orcid.org/0009-0007-6946-5008) - ORCID

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Pernambuco – PE. Especialista em Arte-educação pelo SENAC – SP; Graduação em Comunicação Social pela Faculdade dos Guararapes - SP. Docente no curso de arte, comunicação e design no Centro Universitário dos Guararapes - SP. E-mail: [george.290986@gmail.com](mailto:george.290986@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9586-8319>

<sup>4</sup> Doutor e Mestre em Educação pela UFPE – Pernambuco – PE, Graduado em Licenciatura Plena em Geografia UNESP – São Paulo –SP e Graduado em Pedagogia pela UCB – Brasília – DF. Professor do PPGedu/UFPE – Recife – PE e Coordenador Geral de Apoio à Gestão Escolar - SEB/MEC.E-mail: [fabioaiva@mec.org.br](mailto:fabioaiva@mec.org.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1887-7516>



discussão, atuando dessa forma como catalisadores de transformações sociais.

**Palavras-chave:** Negros; Super-heróis; Pantera Negra; Histórias em quadrinhos; Direitos civis.

**Abstract:** This article addresses the representation of black people in comics from the perspective of the historical context of eruption of black characters, especially superheroes, through the character Black Panther, this through an exploratory bibliographic approach. In the first part, the article presents the context of the movement for the right of equality from the perspective of the American scenario, an experiential place originating from superhero comics. In the second part, it deals with the black characters and their representations in adventure and super-adventure. Finally, the article indicates that the representation of black identity through the character Black Panther has conquered space in contemporary artistic-cultural productions, initially motivated by a quota policy, which later revealed itself as a representative character. Comics are, therefore, a stage where sensitive issues for the community are put under discussion, acting in this way as catalysts for social transformations.

**Keywords:** Black people; Superheroes; Black Panther; Comics; Civil rights.

## **I MOVIMENTO PELOS DIREITOS DE LIBERDADE E IGUALDADE**

A representação negra nas manifestações culturais midiáticas está recebendo algum destaque nos últimos tempos. Porém, esse foi um processo que demorou muito e ainda caminha e passos pequenos. Nas histórias em quadrinhos não foi diferente. Neste produto midiático, muito já se modificou desde o seu surgimento, onde estes eram tratados como personagens cômicos, vilões ou de baixa inteligência. A partir das lutas pelos Direitos Civis da década de 1960, as histórias em quadrinhos começaram a retratar os personagens negros dando certo destaque. Recebendo a partir deste período, recebendo um protagonismo nas histórias e até mesmo sendo publicadas



histórias próprias e superaventuras, nascendo assim, personagens heroicos negros. Mas o caminho foi lento.

Através de pesquisas com uma abordagem bibliográfica exploratória, este manuscrito pretende apresentar a representação de personagens negros através da história dos quadrinhos principalmente no gênero de superaventura, na figura do super-herói, na perspectiva do contexto histórico. Nas páginas das histórias em quadrinhos, muitas questões sociais referentes à sua época são portas para discussões sobre diversos temas, como aqui proposto sobre representação étnico-raciais.

Quando se fala em lutas por direitos igualitários no mundo, quase sempre nos vêm à memória os ícones que a escola nos ensinou: Revolução Francesa, Guerra Espanhola e Guerra Civil Americana; entretanto, existe uma insurgência que foi, por séculos, negligenciada, ocorrida entre os anos de 1792 e 1804, em território haitiano. A história, contada por brancos, subvalorizou a importância da Revolução do Haiti como sendo a primeira e mais relevante revolução das Américas. Conduzida pelos próprios negros escravizados, esta insurreição perdurou por 12 anos até se consolidar em 1º de janeiro de 1804, com a libertação do Haiti dos domínios franceses, servindo de inspiração para outras tantas revoluções que marcaram o período pós-colônia. Pela primeira vez na história, temos um enfrentamento legal da opressão estrutural nascida nos idos de 1492 com as invasões luso-espanholas. Ressaltamos ainda que toda iniciativa e organização estratégica partiu dos próprios negros contra um sistema opressor e imperativo, enfrentado os proprietários de terra e toda uma estrutura que os favorecia.

Apenas meio século depois, em 1860, deflagrou-se a Guerra Civil Americana, um conflito entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos, na qual a divergência se deu, principalmente, pela diferença de regime entre ambos e a continuidade do sistema escravista nos estados do Sul, para manutenção das plantações de algodão, através da mão de obra negra,



oriunda das Áfricas. Uma das consequências desta guerra foi o surgimento da *Ku Klux Klan*, movimento famoso por nutrir ódio à comunidade negra e defender “a manutenção da supremacia branca, principalmente após a guerra civil, onde escravos dos antigos senhores eram agora homens livres” (DUARTE, 2013, p. 31).

Embora a Constituição Americana garantisse direitos fundamentais a todos os cidadãos desde 1787, os negros tinham prerrogativas legais negadas por legislações estaduais, com base no princípio dos direitos dos estados. Um dos mandamentos da *Klan* era se opor à igualdade racial, ou seja, ser a favor de um governo de brancos, ao retorno dos direitos dos homens do Sul, incluindo propriedade e escravizados. Esta organização possuía milhares de membros em solo norte-americano que se divertiam aterrorizando os negros, considerados seres “preguiçosos, inconstantes e economicamente incapazes e, por natureza, destinados à escravidão” (BLANRUE, 2005, p. 57). Suas práticas consistiam em violência física e moral, linchamento público, estupros, incêndios a residências de famílias negras e até mesmo assassinatos. “Todo este terror acabou criando a própria derrocada da irmandade” (DUARTE, 2013, p. 34).

A situação se agravou tanto que, na década de 1950, o governo norte-americano teve que intervir, aprovando a lei antimáscaras, que proibia o uso de máscaras<sup>5</sup> fora de ocasiões especiais como o Carnaval e o Dia de Todos os Santos (JÚNIOR, 2012). Esta atitude enfraqueceu a irmandade, mas não decretou seu fim. O sentimento racista estava enraizado no povo norte-americano.

Na segunda metade do século XX, a luta dos negros afro-americanos pelos direitos civis cresceu exponencialmente pela atuação de grandes lideranças, que ganharam força no combate ao racismo. Surge, então, em 1954,

---

<sup>5</sup> Membros do *Klan* usavam máscaras para protegerem suas identidades e apavorarem os negros.



o Movimento pelos Direitos Civis, marcado por rebeliões populares e convulsões na sociedade civil de diversos países. Estes movimentos pediam, perante a lei, direitos iguais para todas as camadas da população, independente de cor, raça ou crença. Uma de suas conquistas mais importantes foi a Lei dos Direitos Civis, de 1964, que encerrou “legalmente” a segregação racial nos EUA. O marco inicial desse movimento se deu na cidade de Montgomery, no Alabama, estado do Sul, eminentemente racista. No dia 1º de dezembro Rosa Parks, que ficou conhecida como “A Mãe do Movimento pelos Direitos Civis”, uma costureira negra, entrou em um ônibus de volta para casa, após um longo dia de trabalho. O veículo não tardou a “ficar lotado e o motorista não teve dúvidas em mandá-la ceder o lugar a um passageiro branco, Parks se recusou a levantar” (MARCHETTI-LECA, 2006, p. 21). Ela foi presa imediatamente por desobedecer à lei de segregação, em seguida foi julgada e condenada. Em protesto, a comunidade negra decidiu fazer um boicote aos ônibus da cidade, liderados pelo pastor de uma igreja batista local, Martin Luther King Jr., o que durou 381 dias, quase levando a empresa de ônibus à falência, pois a maioria dos passageiros era de trabalhadores negros. Houve prisões em massa, principalmente dos líderes do movimento. As autoridades pressionaram King Jr. a pôr fim ao boicote. Como forma de pressão, seu domicílio foi alvo de atentado pela *Ku Klux Klan*. Em 21 de dezembro de 1956, a Suprema Corte declarou que as leis de segregação de Montgomery eram inconstitucionais.

O pastor King Jr. defendia uma ‘revolução pacífica’. Por isso, foi ameaçado de morte, sofreu atentado à bomba em sua casa, mas jamais revidou uma agressão. Com suas ideias pacifistas, mobilizou multidões de seguidores, tornando-se um dos maiores líderes pacifistas do século XX, “sendo o homem mais jovem a ganhar o prêmio Nobel da Paz, em 1964, aos 35 anos” (MAXIMILIANO, 2005, p. 33). Mas a luta não foi como seu líder gostaria: houve muitas prisões, violência e assassinatos de militantes negros.



Outro personagem importante no combate às desigualdades foi Malcolm X, reconhecido como um dos mais influentes ativistas da história dos direitos civis dos negros norte-americanos, “adotou um discurso violento e dizia que o negro precisava reagir diante do branco opressor” (MAXIMILIANO, 2005, p. 32). De uma criança órfã, que viveu em várias instituições, a um dos mais potentes Ministros da Nação do Islã (NDI), “grupo com vertente religiosa [que] praticava a luta política por meios legais, mas aceitava a violência para autoproteção” (NAVARRO, 2012, n.p.). Liderada pelo ‘Excelentíssimo’ Elijah Muhammad, a NDI recusava a igualdade racial e defendia a supremacia e o separatismo dos negros. Após 12 anos defendendo as ideias desta organização, sendo sua principal voz, depois de Elijah, Malcolm X tomou seu próprio caminho na luta racial e se tornou uma das vozes mais influentes do seu tempo, expandindo seu pensamento libertador para outras nações. Com sua rápida ascensão independente, passou a ser uma ameaça tanto para a NDI quanto para o governo americano conservador. A junção desses fatores provocou seu assassinato, em fevereiro de 1965, por extremistas da Nação do Islã, durante um discurso no Harlem, em um crime até hoje repleto de mistérios e atitudes duvidosas na condução da investigação por parte da polícia de Nova York e do FBI.

Com o surgimento de movimentos em defesa da sociedade negra, como o *Black Powers* e o Partido dos Panteras Negras, no meio da década de 1960, inspirados pelas ideias de Malcolm X e de Martin Luther King Jr., os afro-americanos aumentaram seu clamor por igualdade racial, pois estes grupos se tornaram exércitos de salvação para a sociedade negra, defendendo-a da segregação e de ataques da *Ku Klux Klan*. Passaram a enfrentar com armas os ataques de brancos racistas. Com isso, conquistaram uma libertação dos costumes da autoridade branca do país, valorizando sua história, exteriorizando seus sentimentos, vestimentas coloridas, penteados ao estilo afro, inspirados nas tribos de ancestrais do continente africano, aumentando,



desse modo, seu pleito para a dignidade racial. Como afirma Cyril Lionel Robert James: “[...] os movimentos pela autodeterminação dos negros eram lutas de ‘independência’ que representavam a automobilização e auto-organização das massas, estando assim na vanguarda de qualquer projeto socialista” (JAMES apud HAIDER, 2019, p. 38). Esta luta pela independência se conecta com os princípios da Revolução do Haiti, tendo-a como precursora deste pensamento.

O Partido dos Panteras Negras pela Auto-Defesa foi a maior organização revolucionária negra que já existiu. Surgiu em 1966 e durou até a década de 1980. Ficou conhecido por estarem sempre dispostos a conseguir a igualdade racial e política por quaisquer meios, lema muito difundido por Malcolm X em seus discursos.

Tal foi seu sucesso que eles rapidamente cresceram para 5 mil militantes liberados em tempo integral, organizados em 45 seções (filiais) por toda América. No seu auge, vendiam 250 mil jornais toda semana. Pesquisas de opinião na época mostravam que os Panteras tinham 90% de apoio entre os negros nas grandes cidades. Seu impacto sobre a América Negra pode ser medido pela resposta do estado. J. Edgar Hoover, então chefe do FBI, os descreveu como ‘a ameaça número um à segurança interna dos Estados Unidos’ (RAJGURU; WOOD, 2008).

O diferencial dos Panteras Negras era sua visão político-social, aplicada em programas como distribuição de café da manhã e sapatos para crianças, clínicas de saúde e aulas sobre políticas. Um de seus principais líderes, Huey Newton, assim os definia:

O Partido dos Panteras Negras é um grupo nacionalista revolucionário e enxergamos uma grande contradição entre o capitalismo nesse país e nossos interesses. Percebemos que esse país se tornou muito rico através da escravidão e que a escravidão é o capitalismo ao extremo. Temos dois males a combater, o capitalismo e o racismo. Devemos destruir tanto o





racismo quanto o capitalismo. (NEWTON apud HAIDER, 2019, p. 36-37)

Muitos dos negros e negras a atuarem no mundo político passaram pelo Partido dos Pantera. Uma das mais famosas foi a ativista feminista Ângela Davis, que participou deste movimento e se destacou internacionalmente pela sua permanente luta pelos direitos das pessoas negras, em geral, e das mulheres, em especial. No universo dos quadrinhos, ela foi retratada na biografia *Miss Davis – a vida e a luta de Angela Davis* (2020), escrita por Sybbille Titeux de La Croix e desenhada por Amazing Ameziane.

A década de 1960 foi, de fato, um marco para o movimento de direitos humanos para os negros, tanto positiva como negativamente. No verão de 1964, um grupo de 100 estudantes negros e brancos, voluntários pelos direitos civis do Norte do país, dirigiam-se à Região Sul para iniciar uma campanha pelo voto dos negros e a formação de um partido político para a liberdade do estado do Mississippi. Porém, três desses estudantes foram brutalmente assassinados pela *Ku Klux Klan*, chocando a sociedade norte-americana. Tal atrocidade causou indignação na opinião pública, o que ajudou o então presidente Lyndon Baines Johnson, ex-vice-presidente de John F. Kennedy<sup>6</sup>, a aprovar, junto ao Congresso, em 2 de julho de 1964, a Lei dos Direitos Civis, o que seria a primeira grande vitória do movimento negro pelos direitos civis. No final deste mesmo ano, Martin Luther King Jr. recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Ironicamente, três anos depois, no dia 4 de abril de 1968, em Memphis, ele foi assassinado com um tiro na cabeça.

Atento a todo esse contexto e com a missão de reerguer uma grande editora de quadrinhos, estavam Stan Lee e seu parceiro Jack Kirby, que passaram a incorporar, em seus quadros, vários super-heróis que dialogavam

---

<sup>6</sup> O então presidente americano J. F. Kennedy foi assassinado em novembro de 1963, e Lyndon B. Johnson assumiu o cargo em 1964, ano em que se reelegeu com forte apoio dos Democratas.



com essas questões, como os X-Men e o Pantera Negra, como veremos mais adiante.

## 2 O NEGRO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

### 2.1 O Estereótipo dos Personagens Negros

Desde o surgimento das histórias em quadrinhos, os personagens negros estiveram presentes em suas páginas. Com papéis limitados, apareciam sempre como coadjuvantes e personagens cômicos, sempre interpretados de forma estereotipada e racista. Isso se dá, ainda, como herança de uma conjuntura oriunda dos tempos escravagistas, no qual, socialmente, “o negro é representado como protótipo de uma figura pré-humana incapaz de superar a sua animalidade” (MBEMBE, 2014, p.42). Segundo o pesquisador Nobu Chinen (2019), esta deturpação da imagem se deu, no campo das artes gráficas, pela influência dos menestréis, comediantes populares do século XIX, que pintavam o rosto de preto, deixando o contorno dos olhos e da boca mais destacados. Essa imagem, hoje entendida como *blackface*, popularizou-se e inspirou os ilustradores da época, proporcionando uma figura negra “cômica”, com olhos esbugalhados e lábios enormes. No cinema do início do século XX, o filme *O Nascimento de Uma Nação*, do cineasta D.W. Griffith, que foi um fenômeno de popularidade, ajudou a propagar o imaginário do homem negro agressivo, violento, que sempre aparecia na condição de estuprador e ameaçava as mulheres brancas, portanto, deveria ser banido pelos grupos extremistas salvadores da sociedade. Este filme popularizou as seitas supremacistas, chancelando, na vida real, assassinatos em massa aos negros afro-americanos.



Uma das teorias da origem dos quadrinhos aponta seu surgimento em 1896<sup>7</sup>, com o personagem *Yellow Kid*, de Richard Felton Outcault. E já ali, em suas páginas, o negro era apresentado de forma cômica. A denominação na língua inglesa para as histórias em quadrinhos é *comics*, que é traduzido literalmente para cômico. Ressaltamos que os primeiros quadrinhos foram uma evolução das charges cômicas dos jornais, ambos tinham o mesmo fim, o riso, como bem afirma Chinen (2019, p.35):

É importante pontuar essa origem dos quadrinhos como material produzido com a intenção de provocar riso, pois é interessante compreender os mecanismos que levam uma pessoa a rir. Muitas das técnicas de comédia, sabidamente, recorrem ao preconceito. (...) Ri-se do outro, da sua exposição a situações ridículas, de sua condição supostamente inferior, seja física quanto intelectual.

Rir de outro, segundo Freud, é uma maneira civilizada de agredir, ainda mais quando uma sociedade e seus códigos morais não permitem isso, “a possibilidade de rir da autoridade, do inimigo, do mais fraco é fonte de prazer que explica o sucesso das sátiras e das caricaturas de políticos” (FREUD apud CHINEN, 2009, n.p).

As histórias em quadrinhos da Disney também repetiam a discriminação. No quadrinho *Voodoo Hoogoo*, publicada pela primeira vez em 1949, o zumbi chamado Corongo perseguia o personagem Tio Patinhas. Esta HQ representava os nativos africanos como seres com inteligência limitada ou como personagens que só queriam tirar proveito dos turistas norte-americanos. Quando os quadrinhos desta editora percorreram o mundo,

---

<sup>7</sup> Há controvérsias, pois segundo pesquisadores europeus, nasceu na Suíça, em 1827. Já outros acreditam que foi o ‘mangá’, estilo japonês da arte sequencial, em 1814. Pesquisadores brasileiros defendem que o pioneiro foi o imigrante italiano Ângelo Agostini, em 1867, mas especialistas reunidos na Itália, em parceria com os americanos, concluíram que os quadrinhos nasceram em 1896.



várias cenas tiveram que ser alteradas ou até apagadas, por terem um conteúdo discriminatório (MAIO, 2009).

Em 1908, na Europa, o artista Atilio Mussino lança *Bilbolbul*, com sua visão extremamente racista e deturpada do povo africano (GONÇALVES, 2012). Também vem da Europa um dos casos mais conhecidos desse olhar difamatório sobre a comunidade negra. Na década de 1930, houve a publicação de *Tintim no Congo*, do artista belga Hergé. Nesta aventura, publicada no suplemento infantojuvenil do jornal *Le Vingtième Siècle*, entre 1930 e 1931, o jovem repórter Tintim e seu fiel cachorro, Milu, vão ao Congo Belga e lá vivem uma série de situações que reproduzem um pensamento colonial, reducionista e caricato da população africana. A começar pela caracterização estereotipada dos personagens congolezes, passando pela ‘síndrome do salvador branco’<sup>8</sup>, quando Tintim assume a liderança da comunidade e, junto com um padre missionário católico, passa a ‘cuidar dos nativos’ e dar aulas sobre a perspectiva colonizadora. “Com isso, criou-se um retrato favorável às ideias colonialistas da Bélgica: o inocente povo africano precisa ser ‘salvo’ pelos sábios europeus” (BRITTO, 2010, np). Anos mais tarde, o autor reconhece sua atitude racista e alega falta de conhecimento a respeito do contexto, mas pouco faz para mudar a situação. Esta é uma das mais populares aventuras de Tintim, tendo sido republicada inúmeras vezes em vários idiomas, até hoje.

---

<sup>8</sup> Conceito muito utilizado na indústria cinematográfica, em que um personagem branco se apresenta como a única salvação possível para os problemas de uma comunidade negra ou indígena, desconsiderando características, cultura e modos de organização social daquelas pessoas. Os filmes *Dança com Lobos* (1990), *Diamante de Sangue* (2009) e *Avatar* (2009) são típicos exemplos.





## 2.2 Os Quadrinhos de Aventura

Não foram somente quadrinhos de comédia que retrataram os negros, mas todos os gêneros dessa linguagem. Desde o surgimento dos quadrinhos de aventura, em 1930, assim como em outros gêneros, o personagem negro esteve sempre presente. Figuras heroicas, como Fantasma, Jim da Selva, Mandrake, Ka-Zar e Tarzan, traziam o negro como seus coadjuvantes. Eram vilões, ajudantes ou vítimas dos maquiavélicos vilões da história, sempre precisando ser salvos pelo herói branco. O mágico herói Mandrake, criado em 1934 por Lee Falk, possuía um ajudante negro, o Lothar. Talvez esse seja o primeiro personagem a começar a ganhar mais destaque nas histórias em quadrinhos de aventura. Inicialmente, era muito estereotipado, com vestimentas de pele de onça e pouca inteligência, mas, por sua força física, chegou a salvar o herói várias vezes das mãos dos vilões. Com o tempo, ganhou prestígio e importância nessas histórias, sendo um membro importante da animação *Defensores da Terra*<sup>9</sup>.

A crise de 1929, nos EUA, promoveu uma demanda pelo herói por parte do público, enquanto havia, no âmbito político, “uma necessidade de se destacar a proeminência dos norte-americanos” (VIANA, 2005, p. 28). Necessitavam de um salvador da sociedade em crise e os EUA passaram a se posicionar como tal, representantes da ordem mundial, “possuindo um papel de civilizador” (VIANA, 2005, p. 29). Este herói ariano em terras estrangeiras tem missão civilizadora, redentora, porém, por trás da máscara, o que aparece é uma missão de colonização. Estes fatos discriminatórios incomodavam os militantes negros, que começavam a ganhar força no cenário norte-americano na década de 1940. Um desses militantes era o jornalista Orrin C. Evans,

---

<sup>9</sup> Desenho animado produzido em 1986, que trazia os personagens: Flash Gordon, O Fantasma, Mandrake e Lothar, bem como os filhos destes: Richard “Rick” Gordon (Flash), Jedda Walker (Fantasma), LJ ou Lothar Junior, e o filho adotivo de Mandrake, Kshin.



membro da NAACP<sup>10</sup>, um dos primeiros negros a se destacar no jornalismo norte-americano, ganhando o título de “patriarca dos jornalistas negros” (NOGUEIRA, 2013). Evans acreditava no potencial educativo que os quadrinhos poderiam trazer às crianças afro-americanas e que personagens heroicos negros poderiam ser um referencial positivo para elas. Em 1947, Evans convocou vários artistas e lançou a primeira história étnica em quadrinhos, o *All-Negro Comics*. Em suas páginas, dois personagens se destacavam: Ace Harlem, detetive particular que investigava crimes no bairro do Harlem, em Nova Iorque, e Lion Man, um agente da ONU, que fora enviado para a Costa do Ouro a fim de investigar uma misteriosa ‘montanha mágica’. Lá chegando, descobre que é uma mina de urânio e, para proteger tal reserva, ele adota o nome de Lion Man. Este personagem conta com um ajudante chamado *Bubba* (NOGUEIRA, 2013). O trabalho, porém, ficou só no primeiro número, devido a muitas pressões e problemas com a edição.

Como dito, na década de 1960, os movimentos pelos direitos civis eram efervescentes. Liderados por King e Malcolm X, combatiam severamente a segregação. Em 1964, a Lei de Direitos Civis foi aprovada no Congresso norte-americano; o racismo passou a ser condenado e a igualdade entre raças/etnias passou a ser vista como uma virtude e, aproveitando-se desse momento, as editoras de quadrinhos perceberam ser a hora de se encaixar nesse processo. Em 1965, um ano após aprovada a referida Lei, a *Dell Comics* lança o quadrinho *Lobo*, um personagem negro de faroeste, criado por Tony Tallaric e D. J. Arneson (GONÇALVES, 2012). Esta revista, porém, não teve sucesso e acabou sendo cancelada em seu segundo número. Neste mesmo ano, Stan Lee lança a história em quadrinhos *Sargento Fury e o Comando Selvagem*, uma história de guerra, que tinha o personagem Gabe Jones, um soldado negro e músico de jazz, que se expressava em um inglês impecável

---

<sup>10</sup> Sigla em inglês para Associação Nacional pelo Progresso das Pessoas de Cor.



(diferente de outras HQs, nas quais os personagens falavam gramaticalmente incorreto, de modo estereotipado); sua bravura no campo de batalha era sempre ressaltada (MAIO, 2009).

### 3 OS SUPER-HERÓIS NEGROS

#### 3.1 A Presença do Herói Negro na Indústria dos Quadrinhos

As HQs de super-heróis surgiram em 1938, com a criação dos artistas Jerry Siegel e Joe Shuster, autores do personagem *Super-Homem*. Com o sucesso deste personagem, logo surgiram outros, como o Batman e a Mulher-Maravilha, que começaram a ganhar o imaginário popular como válvulas de escape para uma realidade em crise, como afirma Viana (2005, p.8):

O surgimento do herói e do super-herói corresponde a determinados contextos históricos e sociais, marcados pela crise de 1929, a emergência da Segunda Guerra Mundial e o papel dos Estados Unidos da América. O mundo dos super-heróis passa a ter uma função propagandística de determinados valores hegemônicos na sociedade. Nessa conjuntura, explicita-se o caráter político das Histórias em Quadrinhos.

Entretanto, desde o surgimento dos quadrinhos de superaventura, os personagens negros ali estavam; entretanto, como nos diversos gêneros, eram limitados e tinham pouco destaque. Este foi o caso dos quadrinhos do Batman, de 1939, *Detective Comics* n° 29 (KANE, 2005), em que o vilão, Doutor Morte, tinha um auxiliar chamado Jabah, um negro gigante, com turbante na cabeça, que executava as atividades sujas, principalmente a de impedir que o super-herói Batman interferisse nos planos do vilão.



O primeiro personagem negro fixo das HQs foi *Whitewash*<sup>11</sup>, lançado em 1941 na revista *Young*. Este personagem fazia parte de uma equipe de super-heróis mirins chamada *Young Allies*, formada por Bucky Barnes (auxiliar do Capitão América), Centelha (auxiliar do primeiro Tocha Humana) e os garotos Knuckles e Jeff Tubby. Diferente dos outros heróis, *Whitewash* não possuía poderes; era o personagem cômico do grupo e sempre era salvo pelos colegas poderosos (NOGUEIRA, 2013). Esta HQ foi lançada com grande destaque pela Atlas editora e o roteiro estava nas mãos de nada mais, nada menos, que Stan Lee. Na mesma década, outro grande conhecido do mundo dos quadrinhos, Will Eisner, também inseriu um personagem negro na série *Spirit*. Em 1940, no segundo número desta HQ, Eisner traz o *Ébano Branco*<sup>12</sup>, um taxista negro que se destacava pelo jeito errado de falar. Segundo o criador, este motorista deveria ser um sujeito marcante. Nesta década, era comum os personagens negros serem cômicos. Eisner não ficou satisfeito com o resultado do personagem, porém não havia tempo hábil para refazê-lo. Mais tarde, o autor acrescentou-lhe outras características e ele logo se tornou o motorista oficial de *Spirit*, inclusive salvando-o de certas encrencas, tornando-se, assim, parceiro do herói.

Os personagens até agora apresentados tinham características que remetiam a uma inferioridade do afrodescendente em relação ao personagem caucasiano, porém, na década de 1950, a editora Atlas se tornou a *Marvel Comics*, e Stan Lee iniciou uma revolução no conceito de super-heróis (GUERRA, 2011, p. 144). A partir da década de 1960, com o movimento de luta pelos direitos civis, a história começou a mudar nos quadrinhos. Movimentos como Nação do Islã (onde se originou Malcolm X), *Black Powers* e o Partido dos Panteras Negras tinham simpatizantes dentro do universo das histórias

---

<sup>11</sup> Curiosamente ligado a um substantivo branco. Traduzido para o Português, seu nome ficaria Cal, ou tinta branca. O que pode refletir, numa visão crítica, uma suposta 'correção de caráter' no alterego do personagem.

<sup>12</sup> Outra referência ao 'branco', agora como adjetivo, acrescentando qualidade ao sujeito.





em quadrinhos, o que, segundo Maio (2009), influenciou diretamente a *Marvel Comics*. Foi nesta década que os primeiros super-heróis negros começaram a ser criados e a assumir um papel de destaque. Em 1966, a Marvel lança o primeiro super-herói negro, chamado Pantera Negra. Em seguida vieram: Falcão (1969), Luke Cage (1972), Blade (1973) e Tempestade (1975). A concorrente *DC Comics* não ficou atrás, embora tenha demorado um pouco mais; seu primeiro super-herói negro, Vykin, seria lançado somente em 1971, seguido do Lanterna Verde (John Stewart, 1972), Raio Negro (1977), Ciborgue (1980), Vixen (1981), Aço (1978), entre outros.

Para Irwin (2005, p. 9), as histórias em quadrinhos de super-heróis são “um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura pop da atualidade, é o forte ressurgimento dos super-heróis como ícones culturais e de entretenimento”. Porém, estas HQs não são tão inocentes como aparentam, elas não trazem somente o entretenimento ao seu leitor, mas introduzem e abordam, de forma vívida, questões de suma importância enfrentadas pelos seres humanos em seu cotidiano. Questões como o direito civil dos negros e seu reconhecimento como cidadão, seja na sociedade ou nos quadrinhos. Segundo Reblin, os super-heróis trazem os desejos e anseios de seus leitores para: “transcender suas próprias barreiras, seus próprios limites, em superar seus problemas existenciais, físicos e imediatos.” (REBLIN, 2008, p.110). Neste sentido, o aparecimento do super-herói negro nas HQs não traz somente uma superação diante da segregação e do racismo; traz, também, um sentido de igualdade racial, como pretendiam os ativistas dos movimentos pelos direitos civis.



### 3.2 Pantera Negra: o início efetivo da Representatividade Negra nos quadrinhos

Eis aqui o primeiro personagem super-herói negro da história das HQs, o Pantera Negra, criado por Stan Lee e Jack Kirby. A *Marvel Comics*, sempre conhecida por sua vanguarda editorial, lança-o em julho de 1966, na revista *Fantastic Four* n° 52. Na trama, o jovem T'Challa é o herdeiro de Wakanda, um pequeno país do continente africano, alvo de constantes ameaças por ser a maior reserva de *vibranium* do planeta, um raro metal capaz de absorver energia (FRANCO; SALVATORE, 2008, p. 10). O Pantera atrai o Quarteto para uma caçada, na qual eles próprios serão a caça. Em outras edições descobriremos que seu pai, o rei T'Chaka, foi assassinado por se recusar a fornecer *vibranium* para americanos e europeus. O executor do crime foi o criminoso belga Ulisses Klaw, conhecido como Garra Sônica, que depois se tornou um dos principais rivais do herói africano (HUDLIN, 2022). O príncipe T'Challa, diante do corpo do pai, jura vingar sua morte; porém, logo em seguida, é enviado para o Ocidente, a fim de estudar nas melhores escolas dos EUA, onde se torna um habilidoso atleta e um brilhante cientista (LEE, 1983).

Ao retornar ao seu país, ansioso por ser o líder de sua nação, o príncipe T'Challa é incumbido de derrotar seis dos maiores guerreiros de Wakanda, em um combate corpo a corpo (ENCICLOPÉDIA MARVEL, 2002, p. 11). Nesta passagem, são mostradas um pouco das tradições africanas, onde seu soberano necessita ser um guerreiro pronto para defender seu povo. Vencidas estas batalhas, o príncipe teria sua última prova: obter a erva sagrada em formato de coração. Esta erva secreta, após ingerida, concede grandiosa força física, velocidade, resistência, agilidade e sentidos superaguçados. Após realizar esta prova com sucesso, T'Challa veste o traje cerimonial que simboliza o animal sagrado de seu povo, o **Pantera Negra**, representação da deusa Bast, cultuada pelos wakandanos. “Como chefe do clã da Pantera de seu país, ele é o mais recente numa longa linhagem de reis guerreiros marcados



pela tradição, tribalismo e um profundamente enraizado senso de honra” (ENCICLOPÉDIA MARVEL, 2002, p. 11).

Sob sua liderança, Wakanda se transforma em uma das nações mais avançadas, econômica e tecnologicamente, do planeta. Pela primeira vez é mostrado um país do continente africano próspero, assim como destaca Morrison (2012, p. 184), ao comentar que Wakanda é “uma nação africana do universo Marvel [...] distante das imagens estereotipadas de cabanas de lama e pastores esqueléticos, como se imaginava nos anos de 1960”.

Lee e Kirby, ao criarem o Pantera Negra, trazem um olhar respeitoso sobre os países do continente africano, numa época em que os afro-americanos lutavam por direitos civis e contra a segregação das raças. Muitos alegam que a dupla de autores se inspirou no Partido dos Panteras Negras para criar seu personagem, embora eles sempre tenham negado, pois ambos, o super-herói e o grupo revolucionário, nasceram no mesmo ano de 1966. Se analisarmos as datas de criação, veremos que o super-herói Pantera Negra surgiu, como já dito, em julho de 1966, enquanto o Partido foi fundado em outubro do mesmo ano (GUERRA, 2011). Outros autores afirmam que a inspiração vem de um tanque militar da Segunda Guerra, que recebia este nome por transportar apenas soldados negros. Como ambos os criadores serviram o exército do seu país nesse período, o argumento pode ser consistente.

A Marvel já contava, antes do Pantera, com alguns personagens negros, como o soldado Gabe Jones (1963), do Comando Selvagem, e o cientista Bill Foster na revista dos Vingadores (HUDLIN, 2022). Mas foi o rei de Wakanda que ganhou grande destaque, tornando-se um dos principais super-heróis da *Marvel Comics*. Pantera Negra despertou o interesse dos leitores e logo se



tornou um membro dos Vingadores<sup>13</sup> (FRANCO; SALVATORE, 2008, p. 10), a convite do Capitão América, em 1968, na revista *Avengers* n° 52, agora pelas mãos de Roy Thomas e John Buscema.

Apesar de não sofrer influência explícita do movimento social por direitos civis dos afro-americanos, o personagem apresentava características dessa luta, trazendo à tona questões histórico-culturais. A temática do preconceito racial esteve presente diversas vezes nas páginas das HQs do Pantera Negra. Na *Jungle Action* n° 21, escrito por Don McGregor e desenhada por Billy Graham, o Pantera enfrenta a maior organização supremacista americana, a *Ku Klux Klan*, quando “viaja para a Geórgia para investigar algumas das principais questões sociais e preconceitos que ocorrem no extremo sul” (JANUÁRIO, 2022, np). No confronto à beira de um pântano, o herói leva desvantagem, mas é salvo pela erva coração e consegue levar seus algozes à justiça. Outra situação de combate ao racismo acontece nas revistas *Avengers* n° 73 e 74, por Thomas e Buscema, acrescidas pelos traços de Herb Trimpe. Nelas, os Vingadores lutam contra os ‘Filhos da Serpente’, uma organização que também prega a superioridade da ‘América branca’ e se opõe a todas as minorias, seja racial, étnica ou religiosa. Aqui fica fácil notar similaridades fictícias com a Klan. Os ‘Filhos da Serpente’ cometem ataques terroristas e, nesta trama, eles destroem a casa de uma cantora negra, Mônica Lynne, chamando a atenção do Pantera Negra, que vai ao seu auxílio. O personagem pede aos seus colegas Vingadores para se afastarem do caso, pois este seria o seu povo e ele deveria cuidar do caso sozinho, conforme Guerra:

O roteirista Roy Thomas quis inserir na discussão a questão da honra e possibilidade do povo negro em resolver seus problemas. O Pantera Negra exibe uma postura semelhante à de seus homônimos do partido marxista dos Black Powers. Ao dispensar a ajuda dos Vingadores - todos brancos -, ele decide

---

<sup>13</sup> São um grupo de super-heróis publicados pela editora Marvel Comics, em que se encontram os maiores heróis desta editora, como os fundadores Thor, Hulk, Homem de Ferro, Vespa, Homem Formiga e, logo após, Capitão América.





partir para o ataque contra a organização racista por conta própria. (GUERRA, 2011, p. 152).

No dia seguinte ao ataque, o Pantera Negra pede, como um ‘irmão de alma’, para Lynne não ir à emissora de TV notificar o ataque. Ela indaga o porquê de ele não ter revelado antes sua cor, ele responde “que seus atos eram suficientes para ser um homem” (GUERRA, 2011, p. 152). Na opinião de Guerra, tal resposta vem ao encontro da democracia racial, onde homens e mulheres seriam julgados por seus atos e não por sua cor de pele, como pregava King Jr. (1963) em seu discurso: “Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje!”

No final da trama, o Pantera consegue vencer os ‘Filhos da Serpente’, porém, não sozinho, pois os Vingadores surgem para auxiliar o colega neste conflito. Esta ajuda, segundo Guerra (2011, p. 152), “tem como objetivo consolidar o ideal de união entre as raças para combater a intolerância de alguns que insistem na ideia de superioridade de uma raça sobre a outra”. Por outro lado, pode ser visto também como a manutenção da síndrome do salvador branco, na qual o negro não consegue enfrentar sozinho seus conflitos, precisando sempre da ‘salvação’ do homem branco, aqui representado no coletivo dos Vingadores. Fica a reflexão!

### *3.3 A Era dos Roteiristas Negros*

Atualmente, ao falarmos de representatividade, pertencimento e ‘lugar de fala’, podemos refletir sobre o fato de o Pantera e tantos outros heróis negros, como os já citados Falcão, Tempestade e Luke Cage, terem sido criados e mantidos por décadas nas mãos de artistas, majoritariamente, brancos. Do



time de criadores destes heróis e heroína, apenas Trevor Von Eenden é negro, tendo nascido na Guiana. Trevor é cocriador do Raio Negro, da *DC Comics*, juntamente com Tony Isabella. A presença de roteiristas e ilustradores negros aproxima os personagens da cultura, das causas e das demandas específicas de toda uma comunidade. Como afirma Ribeiro (2017, n.p):

Ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (RIBEIRO, 2017, n.p.)

Esta quebra do ‘discurso autorizado’ de alguém alheio a questões específicas, bem como a possibilidade de um discurso abrangente e diverso para sua comunidade, propiciam coerência e reafirmam a identidade destas personagens. O mesmo se aplica quando mulheres assumem a condução da trama das personagens femininas, como a notável fase da roteirista Gall Simone à frente das histórias da Mulher-Maravilha.

Voltando à saga do rei de Wakanda, analisaremos dois autores negros que se destacaram e trouxeram autenticidade para os arcos narrativos do Pantera. Estamos falando de Reginald Hudlin e Ta-Nehisi Coates. O primeiro, escritor e cineasta americano, esteve à frente do Pantera no período de 2005 a 2008, tendo se destacado pelos álbuns *Quem é o Pantera Negra?*, ilustrado por J. Romita Jr., e a fase que retrata o casamento de T’Challa com Tempestade, Ororo Monroe, ilustrada por Scott Eaton. Uma união bem significativa para a cultura e tradição negra, pois esta personagem, uma poderosa mutante do grupo X-men, é a representação de uma deusa, com características de manipular elementos da natureza. Sua presença nos quadrinhos engradeceu fortemente a representação da mulher negra como heroína no universo das histórias em quadrinhos.



Em *Quem é Pantera Negra?* (2022),<sup>14</sup> veremos uma versão mais arrojada da origem do Pantera, passando por várias épocas, mostrando o poder bélico e tecnológico de Wakanda, ao longo dos tempos, bem como os conflitos contemporâneos que surgem após a morte de T'Chaka e a sucessão por seu filho T'Challa. Na trama, veremos a organização de uma poderosa equipe de supervilões, orquestrada pelo Garra Sônica. Esta saga é de fundamental importância no arco do Pantera, pela forma como Hudlin se aprofunda nas origens e tradições de Wakanda, revelando, inclusive, um importante combate entre um dos Panteras e o Capitão América, na década de 1940, onde o super-herói americano é vencido pelo wakandano. Com uma abordagem político-social, veremos várias questões serem levantadas por Hudlin. Um dos membros da equipe de vilões, o Cavaleiro Negro, afirma:

Séculos atrás, trouxemos a civilização, o comércio e Deus para a África. Nós os trouxemos para o século XX. [...] Agora, no amanhecer de um novo século, a África precisa de nossa ajuda mais do que nunca. E aqui se encontram representantes de quatro nações comprometidas com isso: França, Bélgica, Estados Unidos e Grã-Bretanha. (HUDLIN, 2022, n.p.)

O argumento se insere perfeitamente no pensamento colonizador eurocêntrico, que defendia a exploração, o extermínio e a doutrinação dos povos invadidos, como os africanos e os latino-americanos. Pensamento este que dialoga com o conceito de colonialidade do poder, teorizada por Walter Mignolo e Anibal Quijano (TORRES, 2008), como sendo a estrutura de exploração do ser humano, por práticas de opressão, com base na relação social que estabelece a subdivisão em raças, sendo a raça branca superior às demais, representada pelos colonizadores europeus. Na fala do Cavaleiro Negro e na missão de ataque a Wakanda, juntam-se três nações europeias e a mais segregadora de todas as nações americanas.

---

<sup>14</sup> Histórias publicadas originalmente na revista *Black Panther*, nº 1-6, em 2005.



Outro roteirista, Ta-Nehisi STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, aclamado escritor americano, também vem trazer uma contribuição significativa para os arcos narrativos do Pantera Negra, quando escreve a saga *Uma nação sobre nossos pés*, publicada originalmente em 2016, nas edições de nº 1 a nº 12 da revista *Black Panther*, ilustradas pelo experiente Brian Strelfreeze e por Chris Sprouse. Esta publicação chegou ao Brasil em 2017. Nesta trama de caráter profundamente político-filosófico, veremos uma Wakanda dividida, questionadora do seu sistema de governo, da lealdade de seu rei T'Challa, ainda abalado pela 'morte em vida'<sup>15</sup> de sua irmã Shuri. Eclode, então, uma revolução organizada por alguns segmentos da sociedade wakandana, influenciados pelas palavras de um antigo filósofo exilado, Changamire, ex-amigo do rei T'Chaka, que defende o fim das monarquias e a ascensão do **povo** ao poder. Como afirma T'Challa: "Changamire acredita que a sabedoria reside, em última análise, no próprio povo" (STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, 2017b, n.p). À frente da insurreição estão os vilões Tetu, sob a alcunha de Xamã; Zeke Stane; e Reveladora, a jovem Zenzi. Em vários momentos veremos T'Challa e sua mãe adotiva, a rainha Ramonda, discutirem a respeito de atitudes, honra, dignidade e poder. No Djalia, a terra dos espíritos e da memória, Shuri recebe a visita de uma *Griot*, personificada em sua mãe, que lhe apresenta histórias de seus antepassados, como ensinamentos que a fazem amadurecer e rever seus valores.

A trama é complexa e vemos, no decorrer das três edições, um rico manancial de discussão sobre os temas apresentados. O próprio T'Challa se questiona quando afirma que "Um rei que não protege o seu povo, não merece o título" (STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, 2017b, n.p). O conflito avança quando as Anjos da Meia-Noite, uma dissidência das guerreiras Dora Milaje, se associam à dupla Xamã e Reveladora. T'Challa convoca outros heróis

---

<sup>15</sup> A princesa Shuri foi aprisionada em um estado de petrificação e sua consciência enviada ao Djali (STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, 2017c).



negros, como Dobra, Tempestade, Luke e Misty, e a princesa Shuri é resgatada de volta à vida. Por fim, consideramos este arco revolucionário dentro da cronologia do Pantera Negra, pois nos possibilita refletir sobre questões relativas à tradição, poder e honra, como também sobre as controvérsias dos vários sistemas de governo e a importância da participação popular.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os personagens negros conquistaram um espaço nas histórias em quadrinhos; porém, este processo demorou muito e ainda caminha lentamente. Muito já se modificou desde o surgimento dos quadrinhos, onde estes eram tratados como cômicos, vilões ou de baixa inteligência.

A partir da década de 1960, com o auge das lutas por direitos civis encabeçadas por grandes líderes negros, como Martin Luther King Jr. e Malcom X, e movimentos como o Partido dos Panteras Negras e *Black Power*, os quadrinhos começam a retratar os negros de forma diferente, dando destaque a estes personagens, protagonizando suas próprias histórias e superaventuras. Mas é também neste período que surge a primeira e efetiva representatividade negra nos quadrinhos, o personagem Pantera Negra.

A eleição do primeiro presidente negro, Barack Obama, nos Estados Unidos da América, mostra o quanto a sociedade pode ter algumas vitórias contra a discriminação em solo norte-americano, assim como em Hollywood, onde atores negros estão ganhando destaque neste mercado, mas tudo isso, ainda sob o prisma do racismo fundante na sociedade americana, pois, mesmo Obama sendo negro, os altos índices de encarceramento de negros e manteve; e ainda em Hollywood, a proporção de atores e atrizes negras, bem como a diferença de salários permanece. Ou seja, a luta deve ser diária e ininterrupta por conquistas e manutenção de direitos.



Os personagens negros estão ganhando um maior destaque nos quadrinhos e no cinema neste novo século. Muitos acreditam que isso é motivado por um sistema de cotas nas mídias norte-americanas, onde programas e shows devem apresentar personagens negros, pessoas LGBTQIAPN+ e latinos. Pois, como aponta o filósofo, que fez parte do partido dos Pantera Negras, Lorenzo Kom'boa Ervin (2015, p.81), “a identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual”. Os super-heróis apresentam muito bem essas tensões e as transformações em suas páginas das histórias em quadrinhos, sendo o Pantera Negra, um dos que melhor representa, tanto nas HQs quanto no cinema a afirmação de um herói autônomo, independente e de uma África poderosa, não colonizada. Outro personagem que traz esperanças na mudança de paradigma é o novo Capitão América, personificado em Sam Wilson, cidadão afroamericano, que vestia o manto do Falcão, agora carrega o escudo e a responsabilidade de ser o representante maior, no universo dos super-heróis, do sonho americano. Quem sabe doravante o sonho enraizado em solo norte-americano de Martin Luther King Jr. seja visto no decorrer desses anos, nas páginas das histórias em quadrinhos de super-heróis negros: “Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença – nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais”. (1963)

## REFERÊNCIAS

BLANRUE, Paul Eric. As muitas vidas da Ku Klux Klan. In : *História Viva*. São Paulo: Dueto, n. 21, Julho, 2005.  
BRITTO. Tintim no Congo. In: *Tin Tin por Tin Tin*. 2010. Disponível em: <https://www.tintimportintim.com/2010/07/tintim-no-congo.html>, acesso em 19/04/2023.





CHINEN, Nobuyoshi. *O negro nos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Peirópolis, 2019.

CHINEN, Nobuyoshi. *A presença do negro nos quadrinhos Latinos-Americanos: Uma breve história, o caso do Brasil*. S.A. Disponível em: <http://viñetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acessado em: 22/01/2016.

STELFREEZE, B.; KIRBY, J.; LEE S.; STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, Ta-Nehisi. *Pantera Negra – uma nação sob nossos pés*. Vol1. São Paulo: Panini, 2017a.

STELFREEZE, B.; KIRBY, J.; LEE S.; STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, Ta-Nehisi. *Pantera Negra – uma nação sob nossos pés*. Vol2. São Paulo: Panini, 2017b.

STELFREEZE, B.; KIRBY, J.; LEE S.; STELFREEZE; KIRBY; LEE; COATES, Ta-Nehisi. *Pantera Negra – uma nação sob nossos pés*. Vol3. São Paulo: Panini, 2017c.

CROIX, Sybille Titeux de la. *Miss Davis: a vida e as lutas de Angela Davis*. Rio de Janeiro: Agir, 2020.

DUARTE, Fernando. Ku Klux Klan. In: *Aventuras na História*. São Paulo: Abril, Fevereiro, n. 115, 2013.

ENCICLOPÉDIA MARVEL. *Pantera Negra*. Enciclopédia Marvel. São Paulo: Panini, 2002.

ERVIN, Lorenzo Kom'boa. *Anarquismo e Revolução Negra e outros textos do Anarquismo Negro*. Coletivo Editorial Sungular, 2015.

FRANCO, Gabriela, SALVATORE, Tásis. Heróis negros. In: *Mundo dos Super Heróis*. São Paulo: Europa, Julho/Agost, n. 11, 2008.

GUERRA, Fabio Vieira. *Super-Heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981)*. 2011. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28734> Acessado em: 23/01/2013.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019.



- HUDLIN, Reginald. *Pantera Negra: quem é o Pantera Negra?* São Paulo: Panini, 2022.
- IRWIN, Willian (org.). *Super – Heróis e a Filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático*. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.
- JANUÁRIO, Fernanda. Quadrinhos do Pantera Negra que você precisa ler - Oxente Sensei, 2022. Disponível em: <https://oxentesensei.com.br/quadrinhos-do-pantera-negra-que-voce-precisa-ler/> acesso em 25/04/2023.
- JÚNIOR, Demercino. *Ku Klux Klan*. In Brasil Escola. 2012. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiag/ku-klux-klan.htm>. Acesso em 18/01/2016.
- KANE, Bob. The Bat-man – The Batman meets Docthos Death. *Detective Comics*. São Paulo: Abril, 2005.
- KING, Martin Luther. *Eu tenho um sonho*. 1963. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/desejos/sonhos/dream.htm>. Acesso em 06/02/2013.
- LEE, Stan. A história de um rei. In: *Superaventuras Marvel*. São Paulo: Abril, Janeiro, n. 7, 1983.
- MAIO, Alexandre. De influência nos quadrinhos. In: *Raça Brasil*. 2009. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/140/cartoons-influencia-nos-quadrinhos-161056-1.asp>. Acessado em: 21/01/2013.
- MARCHETTI-LECA, Pascal. Martin Luther King – O sonho assassinado. In: *História Viva*. São Paulo: Duetto, Janeiro, n. 27, 2006.
- MAXIMILIANO, Adriana. *Malcolm X América*. In: *Aventuras da História*. São Paulo: Abril, Junho, n. 22, 2005.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa-PT: Antígona, 2014.
- MOREL, Marco. *A revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito*. São Paulo: Paco, 2017.



MORRISON, Grant. *Superdeuses*. Tradução Érico Assis. São Paulo: Seoman, 2012.

NAVARRO, Roberto. *Quem foram os Panteras Negras?* In: Mundo Estranho. 2012. Disponível em : <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-foram-os-panteras-negras>. Acessado em: 20/01/2016.

NOGUEIRA, Natania. Jackie Ormes: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). In: *Identidade*. São Leopoldo, V. 18, n1. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/649/67> Q Acessado em: 21/12/20113.

RAJGURU, Nutan; WOOD, Adrian. O Partido dos Panteras Negras pela Auto-Defesa. In: *Socialist Alternantive*. Publicado em 25 de novembro, 2008. Disponível em: <https://lsr-asi.org/?p=376> Acessado em: 20/01/2013.

REBLIN, Iuri. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

DC COMICS. *The DC Comics encyclopedia – The definitive guide to the characters of the DC Universe*, Londres: DK, 2004.

TORRES, Maldonado. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais – Epistemologias do Sul*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, V. 80, n.1, 2008.

VIANA, Nildo. *Heróis e Super-Heróis no mundo dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

*Data de envio:* 15/05/2023

*Data de aceite:* 30/08/2023